

Aspectos da morfologia urbana e as diferenças socioespaciais no espaço urbano do município de Álvares Machado, São Paulo, Brasil

Aspects of Urban Morphology and Socio-Spatial Differences in Urban Space of Álvares Machado City, São Paulo, Brazil

Letícia Roberta Trombeta

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP
Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente
Correo electrónico: leticiaroberta89@hotmail.com

Fernanda Bomfim Soares

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP
e Bolsista FAPESP
Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente
Correo electrónico: fbs.geo@gmail.com

Resumo: O presente artigo busca destacar o papel da morfologia urbana na análise da produção do espaço urbano e de diferenciação socioespacial, principalmente a partir das formas urbanas na cidade de Álvares Machado, localizado no Oeste Paulista. Para isso realizou-se a articulação entre diversos conceitos e referenciais teórico-metodológicos de produção do espaço urbano, diferenciação socioespacial, morfologia urbana, formas urbanas e loteamentos fechados, que foram necessários para compreender a dinâmica urbana estabelecida na cidade de Álvares Machado, tais como: Lefebvre (1972), Sposito (2011), Botelho (2007), Carlos (2007), Capel (2005), Lamas (2011), Whitacker e Miyazaki (2012), Caldeira (2000), Magrini (2013), entre outros. Assim, foi possível compreender os processos de produção do espaço urbano que geram diferenças socioespaciais nesse território e sua interface com loteamentos fechados como enclaves fortificados voltados ao mercado de consumo imobiliário.

Palavras chave: morfologia urbana, produção do espaço urbano, diferenças socioespaciais, residenciais fechados, Álvares Machado.

Abstract: This article seeks to contribute to highlight the role of urban morphology in the analysis of production of urban space and differentiation socio-spatial, mainly from the urban forms in the of Álvares Machado City, located in west the of São Paulo State. For this there was the relationship between various concepts and theoretical and methodological of production of urban space, socio-spatial differentiation, urban morphology, urban forms and residential allotment, which were needed to understand the urban dynamics established in the city of Álvares Machado, such as : Lefebvre (1972), Sposito (2011) Botelho (2007), Carlos (2007), Capel (2005) Sludge (2011) Whitacker and Miyazaki (2012), Caldeira (2000), Magrini (2013), etc. Thus, it was possible to understand the production of urban space processes that generate socio-

spatial differences that territory and its interface with residential allotment as fortified enclaves focused on the real estate consumer market.

Keywords: morphology urban, production of urban space, socio-spatial differences, residential allotment, Álvares Machado City.

Recibido: 15-02-2015

Aceptado: 20-06-2015

1. Introdução

O presente artigo visa compreender os processos e dinâmicas de produção do espaço urbano do município de Álvares Machado a partir de diferentes perspectivas teóricas, apresentando também as suas relações com os espaços de consumo da cidade.

A abordagem é centrada na produção do espaço a partir das ações dos sujeitos que nele vivem, tornando os processos e os agentes que o constrói inseparáveis, apreendidos, neste caso pela morfologia urbana. E avança numa perspectiva marxista, a qual afirma que em uma sociedade capitalista o espaço é produzido não pelas vontades dos seus sujeitos, mas pelas condições impostas pelo mercado, resultando também na ideia de um espaço de consumo. Podendo essa produção do espaço ser percebida no estudo da morfologia urbana, a partir das formas urbanas da cidade.

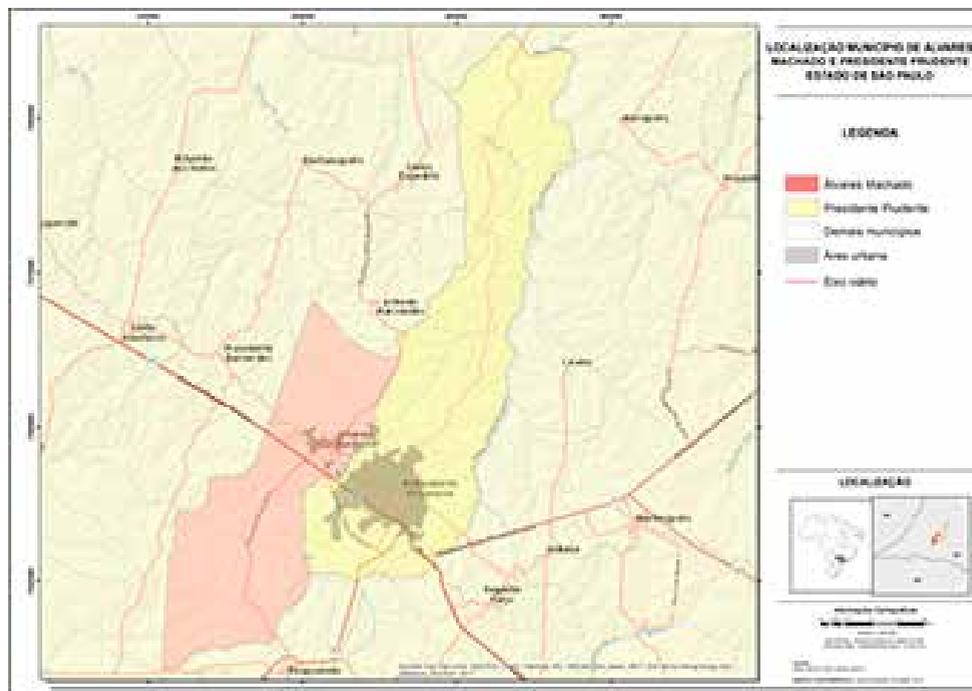
O surgimento de Álvares Machado se deu pelo desbravamento do colonizador Manoel Francisco de Oliveira em 1916, quando este chegou às terras do que futuramente daria origem ao município. Embora a cidade não tenha se iniciado com a estrada de ferro, está que chegou em 1919 impulsionou a chegada de mais moradores e do comércio.

O primeiro núcleo surgiu a partir do loteamento de uma gleba de terra, a partir do traçado da Estrada e Ferro Sorocabana. Assim, a ferrovia representou um elemento de grande importância no desenvolvimento da cidade, estimulando o surgimento de moradias, armazéns, oficinas, escritórios e, conseqüentemente, o aumento dos postos de trabalho.

Em 1944, Álvares Machado que até então era um distrito de Presidente Prudente, elevou-se a município, sendo agregado a seu território partes das terras de Presidente Prudente (Álvares Machado, 2010).

O município de Álvares Machado está localizado no interior do Estado de São Paulo, na região do Pontal do Paranapanema, entre as coordenadas geográficas latitude -22° 04' 46" e longitude 51° 28' 19" (Figura 1). De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge, 2010), a população do município é de 23.513 habitantes e destes cerca de 90% reside na área urbana. Torna-se necessário destacar a proximidade de Álvares Machado com o município de Presidente Prudente, um dos mais importantes da região.

Figura 1. Localização dos município de Álvares Machado e a sua proximidade com o município de Presidente Prudente.



A produção do espaço geográfico deve ser compreendida como produção social, a qual o ato de produzir a vida também é um ato de produção do espaço, compreendendo a uma relação dialética espaço-sociedade (Carlos, 2007).

Então a produção social é realizada pelas relações e processos que os diferentes sujeitos realizam enquanto modo de vida, suas necessidades e desejos individuais ou coletivos que se realizam sobre o espaço geográfico, que o produz e o transforma, ou seja, há uma constante reprodução do espaço pela sociedade.

Essa reprodução da sociedade é acompanhada do processo de diferenciação socioespacial, permitindo características próprias a cada espaço e que é “marca das cidades, desde os primórdios da urbanização” (Sposito, 2011: 124).

Nesse sentido, a morfologia urbana, no que diz respeito às suas formas e processos, auxiliam o entendimento da dinâmica complexa que é a (re)produção do espaço urbano, no qual as formas urbanas podem influenciar as práticas sociais, numa relação dialética. Assim, caracterizando o estudo da morfologia urbana como um procedimento de investigação para a Geografia.

As formas urbanas podem ser expressas pela produção e análise de tipologias da cidade, como o plano urbano ou o sítio urbano, considerando complexos elementos que compõem esses espaços, sejam eles econômicos, políticos, sociais e culturais.

De acordo com Whitacker e Miyazaki (2012: 312), “a partir do estudo das formas urbanas é possível considerar um conjunto de elementos que deem conta de captar a

complexidade do espaço urbano”. Miyazaki (2013: 22), aponta ainda que “morfologia urbana e estrutura da cidade, apresentam-se como um importante caminho para se apreender complexas dinâmicas concernentes à produção do espaço urbano”.

Outro fenômeno a ser apreendido neste trabalho, para compreender como se dá a produção do espaço urbano no município de Álvares Machado é a questão dos loteamentos fechados, como enclaves fortificados e produto imobiliário voltado ao consumo, que “vende” não apenas a moradia, mas uma série de serviços que os acompanham.

São produtos consumidos que determinam algumas características específicas de produção do espaço urbano, resultando em novas dinâmicas para a sociedade. Segundo Botelho (2007: 66), “as atividades de loteamento e de incorporação complementam-se com as de construção para a produção do espaço urbano”. E, conseqüentemente, apresentam formas bastante diferenciadas do restante da cidade.

Além disso, os loteamentos ou condomínios fechados apresentam transformações na cidade, caracterizadas por um novo padrão de segregação socioespacial, impulsionado pelo medo da violência e pela vontade de viver entre aqueles indivíduos que são iguais, principalmente, economicamente.

Nesse caso, Caldeira (2000: 9), destaca que “o crime, o medo da violência e o desrespeito aos direitos da cidadania têm se combinado a transformações urbanas para produzir um novo padrão de segregação espacial nas últimas décadas” (Caldeira, 2000: 9).

Assim, espera-se que este texto contribua com o entendimento das principais características da dinâmica de produção da cidade de Álvares Machado/SP, tendo em vista as suas diferenças socioespaciais e a caracterização dos loteamentos residenciais fechados como produtos imobiliários.

2. A produção da cidade e a diferenciação socioespacial

A produção do espaço urbano é um processo complexo que envolve vários agentes sociais e práticas socioespaciais, sobretudo por considerar interesses diversos e que, por conseguinte, produz diferenças socioespaciais.

De acordo com Corrêa (2011: 43), a produção do espaço urbano “é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade”.

Seguindo a mesma linha Carlos (2011:62) afirma que:

O ato de produzir da sociedade, no sentido de permitir sua reprodução como espécie, como ato de produção da vida em todas as suas dimensões, seria apresentado como ato de produção do espaço, desde que, ao mesmo tempo, é condição e meio de realização das atividades humanas em sua totalidade (Carlos, 2011: 62).

Ainda, para Corrêa (2011, p.44), “são os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano. Afirma-se que os processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento”. O homem se apropria da natureza e a reproduz, sendo essa apropriação resultante do trabalho (Lefebvre, 1972).

Atualmente, a maior parte desses processos estão atrelados ao sistema capitalista de produção, baseado no e para o consumo. Segundo Capel (1972) em uma sociedade capitalista, a cidade e o espaço, em geral, não pertencem a seus habitantes e não são modelados em função dos seus interesses, mas de acordo com os interesses, as vezes contraditórios, de vários agentes.

Agentes esses que, neste caso em sua grande maioria, fazem parte das classes dominantes e são detentores das riquezas e dos meios de produção, os quais, por exemplo, não visam a produção do espaço urbano para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores, mas para satisfazer necessidades específicas, como impulsionar a expansão da cidade por meio de moradias voltadas ao mercado consumidor imobiliário e não a produção de moradias de interesse social pra pessoas de baixa renda.

Lefebvre (1972:35) también afirma que:

Os elementos da sociedade capitalista chegam na história como exteriores uns aos outros: o solo, o proprietário, a natureza – o trabalho, os trabalhadores desligados dos meios de produção – o capital, o dinheiro em demanda do lucro, o capitalista, a burguesia. Os trabalhadores? Começaram por ser vagabundos. O dinheiro? Veio do comércio. Os proprietários? Eram os senhores. A sociedade (burguesa) retoma esses elementos, que lhe chegam separadamente; desenvolve-os, mistura-os, congrega-os numa unidade: a produção ampliada, o sobretabalho global, a mais-valia à escala de toda a sociedade (e não à escala da empresa, do capitalista ou do proprietário isolado) (Lefebvre, 1972: 35).

É importante destacar que, a partir da perspectiva marxista, a (re)produção do espaço é condicionada pelo processo de constituição da sociedade, a qual se apropria de um determinado espaço e lhe dá características e funcionalidades próprias.

Segundo Botelho (2007: 21):

Ao longo da história do modo de produção capitalista, o espaço passou a fazer parte dos circuitos de valorização do capital, seja pela simples mercantilização da terra, seja pelo seu parcelamento (pelo loteamento ou pela verticalização), ou, como tem ocorrido mais recentemente, pela sua crescente inclusão nos circuitos de circulação do capital financeiro, tornando-se cada vez mais capital fictício.

No sistema capitalista de produção o espaço se torna uma mercadoria, seja de maneira concreta, com o lançamento de loteamentos ou empreendimentos imobiliários, ou através da financeirização, no qual o circuito de circulação financeira do capital se apodera do espaço. Nessa segunda condição, o espaço deixa de ser uma mercadoria física e passa a ser uma especulação, realizada a partir de créditos, fundos imobiliários, entre outros.

Conforme Carlos (2011: 60) aponta, é no capitalismo que:

A produção expande-se espacial e socialmente (no sentido que penetra toda sociedade), incorporando todas as atividades do homem e redefinindo-se sob a lógica do processo de valorização do capital – o espaço tornado mercadoria sob a lógica do capital fez com que o uso (acesso necessário à realização da vida) fosse redefinido pelo valor de troca. A produção do espaço se insere na lógica da produção capitalista que transforma a produção em mercadoria.

Assim, a relação do espaço com o sistema de produção capitalista deve ser encarada como uma relação dialética entre o capitalismo e o espaço, não sendo este espaço somente um lugar passivo das relações sociais, mas possuindo também um papel ativo (Botelho, 2007).

Nesse sentido, que se dão as diferenças existentes no espaço, tanto social quanto econômicas, inseridas na sociedade desde os primeiros núcleos urbanos e que vem sendo cada vez mais intensificada pela lógica do sistema de produção capitalista.

Para Corrêa (2007: 62):

A diferenciação sócio-espacial se constitui em foco inicial pelo qual o homem procurou conhecer e avaliar a sua existência e a do outro, incluindo os territórios seus e de outros grupos sociais. Sem diferenciação sócio-espacial não haveria Geografia e nem as demais ciências sociais, tais como hoje nós as definimos. Em realidade, a diferenciação sócio-espacial é necessária e inevitável, parte integrante da ação humana.

A diferenciação socioespacial é inerente ao modo de produção capitalista, o qual necessita se dar de maneira diferenciada entre os espaços para conduzir sua reprodução e fortalecimento. Sposito (2011: 123), afirma que são “as dinâmicas de produção do espaço urbano que revelam e redefinem a diferenciação socioespacial”.

Neste sentido Corrêa (2007: 63) afirma que:

Essas diferenças sócio-espaciais constituem simultaneamente reflexo, meio e condição para o funcionamento e reprodução do sistema capitalista. É assim, funcional ao capitalismo, cuja ação representa uma dimensão escalar, resultado de complexas práticas espaciais (Corrêa, 2007: 63).

Embora Sposito (2011) afirme que é necessário a articulação entre as diferentes escalas para compreender o período atual, a abordagem sobre a diferenciação socioespacial neste texto será a partir da escala intra-urbana, a qual processos e práticas espaciais produzem padrões distintos de diferenciação, levando em consideração o espaço e o tempo (Corrêa, 2007).

Esta escala se completa com a escala da rede urbana, seus objetivos e ações estão relacionados em ambas. No entanto, é na escala intra-urbana que a diferenciação socioespacial se dá pela divisão econômica do espaço e pela divisão social do espaço.

Continuando com a mesma ideia Corrêa (2007:66) manifesta que:

A divisão econômica do espaço caracteriza-se por padrões de uso do solo definidores do núcleo central de negócios, de setores da zona periférica do centro, de centros resultantes do desdobramento do núcleo central de negócios, de áreas e eixos comerciais espontâneos ou planejados, hierarquizados ou especializados, de áreas industriais distintas de acordo com a localização, idade, dimensão e conteúdo produtivo e a franja rural-urbana, entre outros usos. [...] A divisão social do espaço intra-urbano traduz-se por um complexo e instável mosaico de áreas sócias, identificadas a partir da combinação de atributos indicadores de status sócio-econômico, infra-estrutura, características familiares, migrações e, onde for o caso, etnia, língua e religião. O arranjo espacial das áreas sociais é complexo e influenciado por características como tamanho da cidade, características econômicas, taxa de crescimento, sítio, plano urbano e políticas públicas (Corrêa, 2007: 66, *grifo nosso*).

Essas duas divisões se interagem, sobretudo, quando considera as relações do capital na cidade, entre a circulação nos espaços econômicos e os espaços sociais, onde se realiza o consumo. E também por ser considerada a interação entre as moradias e os locais de trabalho.

As diferenças econômicas e sociais presentes no espaço são resultado de diversas formas e interações espaciais em um determinado momento que correspondem aos processos e práticas socioespaciais.

Neste sentido Corrêa (2007:68) manifesta que:

Postos em ação pelos diversos agentes sociais da produção do espaço, os processos espaciais constituem um movimento de massa, envolvendo uma sequência sistemática e regula de ações em um período de tempo relativamente longo. repetitividade e duração longa são traços definidores dos processos espaciais, distinguindo-os das práticas espaciais. Centralização, descentralização e segregação residencial são exemplos de processos espaciais (Corrêa, 2007: 68).

É assim que os lugares de reprodução da vida vão se diferenciando e distinguindo, que são marcados por um tempo e um uso específico, que na vida cotidiana se limita as atividades de trabalho, lazer e da vida privada (Carlos, 2007).

É necessário destacar que, cada vez mais, essa diferenciação na produção social do espaço tem sido analisada também com uma desigualdade socioespacial. Segundo Sposito (2011: 129):

Tal tendência é orientada, no plano ideológico, pela ideia de que seria possível a justiça ou a busca da igualdade ou o progresso ou, ainda, a participação de todos na sociedade de consumo. Nesses termos, as diferenças se transmutam em desigualdades, enquanto as desigualdades, assim observadas, revelam as diferenças de poder de consumo ou de capacidade de decisão ou de possibilidade de apreensão do espaço. Em outras palavras, as desigualdades viram diferenças, porque uma parte da sociedade, de fato no plano econômico, no político e no social, participa precariamente da vida urbana e da sociedade de consumo, ou participa de forma qualitativamente diferente, porque incompleta, e não apenas qualitativamente desigual.

E são essas diferenças e desigualdades² que potencializam a formação dos espaços segregados. Essa segregação então seria segundo Caldeira (200:55):

A separação das práticas socioespaciais visando à reprodução social que, ao delimitar um lugar para cada um - "criando áreas homogêneas apoiadas em identidades de classe e, pretensamente, apartadas do todo social e da cidade" -, escamoteia o conflito (Caldeira, 2000: 55).

A produção diferenciada do espaço e das atividades no espaço, Carlos (2011) aborda que esta condição faz com que as atividades humanas se localizam diferentemente no espaço, criando também uma morfologia urbana diferenciada.

Nesse sentido, a produção do espaço urbano pode ser investigada e analisada com base na morfologia urbana, que destaca os padrões das formas urbanas podendo estabelecer vínculos com as diferenças socioespaciais presentes na cidade.

3. Morfologia urbana: formas e processo

As reflexões acerca da morfologia urbana revelam as lógicas envolvidas no processo de produção do espaço urbano, sendo que os processos resultantes desta ação implicam diretamente na configuração das formas urbanas.

Segundo Lamas (2011: 38):

A morfologia (urbana) é o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, ou elementos morfológicos, e na sua produção e transformação no tempo. Todavia, é necessário sublinhar que um estudo morfológico não se ocupa do processo de urbanização, que dizer, do conjunto de fenômenos sociais, econômicos e outros, motores da urbanização. Estes convergem na morfologia como explicação da produção da forma, mas não como objeto de estudo.

Já para tratar da morfologia urbana, Capel (2005) propõe uma reflexão sobre as relações que existem entre técnica, a cultura, e as relações sociais, no que se refere a construção das casas e edifícios em geral.

Entende a técnica como a capacidade de dominar os procedimentos e habilidade nas construções como um todo. A cultura, como as dimensões culturais que influenciam o tipo de construção, sejam elas crenças religiosas, valores, entre outros, interferem desde a orientação e disposição geral dos edifícios e também os estilos utilizados e os seus conteúdos. E as relações sociais, que diz respeito as diferenciações entre o tipo de padrão construtivo entre os ricos e os pobres e também as construções que expressam poder e as que não tem essa vinculação.

Assim, pode se dizer que a dimensão da morfologia urbana mais destacada por Capel (2005), nesta obra, é a edificação, a qual oferece um interesse especial para a parte mais visível da paisagem urbana, mesmo que seja afetada por características do plano e do parcelamento.

Nesse sentido, as construções no espaço caracterizam-se como um processo de humanização da terra, sendo equiparado aquilo que serve à vida. As moradias caracterizam-se por despertar uma dimensão fundamental da vida, principalmente nas cidades, onde a concentração populacional e a chegada de pessoas de outros lugares exige a construção em grande quantidade. E pelas diferenças nas rendas que produzem contrastes profundos na possibilidade de acesso a uma moradia digna (Capel, 2005).

Para Whitacker e Miyazaki (2012: 311-312):

O estudo das formas espaciais pode, além de estabelecer procedimentos como a identificação de elementos comuns ou não, apreendidos a partir da configuração e da consequente, ou possível, comparação e produção de tipologias (do plano ou do sítio, por exemplo), servir à compreensão das dinâmicas que culminaram em determinada feição ou como certa forma urbana pode ser corolária de um processo.

As tipologias das construções são algumas das formas urbanas que caracterizam uma determinada área, tanto do ponto de vista espacial, quanto social, evidenciando alguns aspectos da diferenciação socioespacial.

As mudanças nas tipologias e nos estilos construtivos afetam aspectos variados,

desde a estrutura e a distribuição das casas, quanto a forma das janelas e portas e os detalhes ornamentais. A incorporação de inovações arquitetônicas, as tendências da moda, o gosto particular e os diversos valores atribuídos influenciam a construção das moradias (Capel, 2005).

Diferenças essas que estão associadas às condições econômicas, sociais, culturais, históricas e políticas de cada população, que pode ser diferenciada entre cidades, bairros ou até ruas, onde cada um desses aspectos produzem características próprias a um determinado espaço, nesse caso, urbano.

Embora Capel (2005), em certos momentos limite a sua abordagem na concepção e estilos das construções para tratar da morfologia urbana, é necessário ir além disso, estabelecer algumas relações presentes na análise da forma urbana.

A primeira refere-se a Forma e Contexto, a qual pode ser observada, por exemplo, nas tipologias habitacionais, aglomerações, coeficiente de ocupação do solo, etc. Deste modo para Lamas (2011:48):

O contexto das formas arquitetônicas, ou urbanas, pode englobar tanto critérios funcionais como econômicos, tecnológicos, jurídico-administrativos (por exemplo, as relações entre o parcelamento e as formas urbanas) ou critérios de natureza estética, arquitetônica. A multiplicidade de critérios e a sua natureza heterogênea desaconselham uma sistematização. [...] A forma urbana deve constituir uma solução para o conjunto de problemas que o planejamento urbanístico pretende organizar e controlar. É a materialização no espaço da resposta a um contexto preciso. Desde sempre o desenho da cidade teve de equacionar o contexto a que deveria responder (Lamas, 2011: 48).

Outra relação é entre a Forma e a Função, sendo que a forma deve apresentar uma função coerente com a atividade que será desenvolvida ou adaptar as antigas formas a novas funções.

No entanto, ainda há a questão do funcionalismo, potencializando do ponto de vista da forma e da função alguns espaços, como é o caso da mudança de funções de alguns espaços. Assim, Lamas (2011:54) afirma que:

As funções dos centros urbanos evoluíram, passando de lugares de defesa e de poder a lugares de comércio, serviços e trocas culturais. Os espaços foram recebendo essas diferentes funções, sobrepondo-se com complexidade e dinâmica, bem permitida pela capacidade de resposta de traçados e formas à modificação funcional” (Lamas, 2011: 54)

E, por último, a Forma e a Figura, como aspectos estéticos do urbanismo. De acordo com o mesmo autor:

A forma arquitetônica de um fenômeno é, por um lado, a maneira como as partes ou estratos se encontram dispostos no objeto, e também o poder de explicitar e evidenciar essa disposição. Estes dois aspectos sempre coexistiram. Todavia, se não existe objeto sem forma, esta tem poderes de comunicação estética dispostos em níveis muito diferentes. Chamaremos forma ao primeiro aspecto, e figura, ao segundo; o valor da figura nunca é nulo, pois que podemos reconhecê-la mesmo em níveis extremamente degradados. É unicamente através da figura que podemos descobrir o sentido do fenômeno e reconstruir a totalidade, a pluralidade dos seus elementos construtivos e das suas proposições. A

estrutura da concepção projectual (o que caracteriza a obra arquitetural) é de natureza eminentemente figurativa (Lamas, 2011: 54-56).

Mas a morfologia urbana deve ir além das formas urbanas “arquitetônicas”, avançando para uma compreensão também do processo, ou seja, de como essa forma é influenciada ou influencia as práticas sociais no espaço.

Nesse sentido, é importante destacar a abordagem de Whitacker e Miyazaki (2012: 309), a qual trata a:

Morfologia urbana como recorte analítico e procedimento de investigação. Compartilhamos da compreensão de que há um processo de dupla determinação entre forma e processo; entre espaço e sociedade. Assim, formas espaciais possuem certa capacidade de influenciar as práticas sociais, tanto quanto estas se apropriam em produzem aquelas. Whitacker e Miyazaki (2012: 309)

Assim, as formas urbanas são um conjunto de complexos elementos articulados uns aos outros e para tanto torna-se necessário aprofundar nas análises que são inseparáveis da produção do espaço urbano.

3.1. As formas urbanas de Álvares Machado/SP

A fim de sintetizar um estudo morfológico para o município de Álvares Machado, que também permitirá identificar alguns aspectos de diferenciação socioespacial dessa área, Whitacker e Miyazaki (2012), elencaram alguns elementos da investigação das formas urbanas, como: a) o plano urbano e a evolução do plano; b) a relação do plano com o sítio urbano; c) a fisionomia urbana; d) a relação do que é edificado e o que não é edificado; e) a densidade da ocupação; e, f) identificação de áreas morfológicamente homogêneas e heterogeneidade. No entanto, neste trabalho não serão abordados todos estes itens.

Sposito (2004: 65), destaca que:

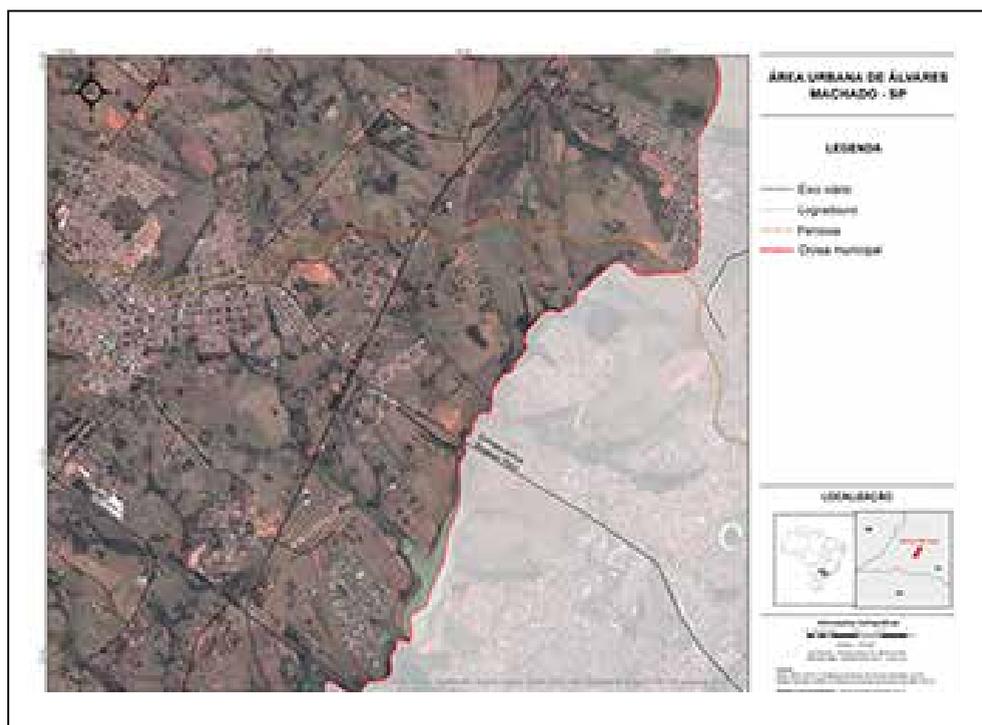
Não sem frequência, o estudo da forma urbana remeta à apreensão da planta urbana e à elaboração de tipologias, segundo os quais se procuram classificar diferentes planos urbanos e reconhecer as formas que as cidades têm em função desses planos ou mesmo da ausência deles, quando a configuração resultante da disposição das vias e de outros espaços da cidade é desordenada e/ou resulta de um processo em que o desenho prévio ou o planejamento não ocorreu.

Quanto à análise dos planos urbanos Whitacker e Miyazaki (2012: 318), destacam que:

As tipologias dos planos (em quadrículas, radiocêntricas, lineares e flexíveis ou mistas) ofereceriam contributos importantes para a compreensão da forma. [...] O estudo do plano urbano deve permitir a compreensão das diferentes etapas de crescimento da cidade, englobando sua contraditória e desigual produção, superando-se a descrição dos planos.

O plano urbano de Álvares Machado é do tipo ortogonal, conforme apresentado na Figura 2, caracterizado pelo predomínio de linhas retas nos traçados das ruas que se cortam perpendicularmente, formando as quadras, uma espécie de “tabuleiro de xadrez”. A justificativa para a implantação desse modelo inicial do plano urbano, do ponto de vista do planejamento, era facilitar a expansão da cidade, sendo mais fácil prolongar suas ruas.

Figura 2. Área urbana da cidade de Álvares Machado - SP.



Este tipo de traçado para o plano da cidade apesar possa dar um aspecto de organização em muitos casos se não for bem planejado pode ocasionar problemas, como por exemplo, prejudicar o escoamento da água pluvial, processos erosivos, entre outros.

Embora tenha sido pesquisado o número de habitantes, desde 1944 (quando Álvares Machado se tornou um município), foi possível encontrar esses dados somente a partir do ano de 1970 no sítio eletrônico do IBGE.

Até 1970, a maioria da população de Álvares Machado residia na área rural, este cenário mudou nos períodos posteriores, invertendo esta condição. Após 1980, a quantidade de habitantes aumentou, bem como a maior parte deles passou a residir na área urbana (Tabela 1).

Tabela 1 – População Urbana, Rural e Total do município de Álvares Machado (1970-2010)

População	1970	1980	1991	2000	2010
Urbana	6.016	8.522	15.387	20.096	21.183
Rural	10.904	5.729	3.478	2.565	2.330
TOTAL	16.920	14.251	18.865	22.661	23.513

Fonte: IBGE, 2013.

Este aumento da população urbana de 1970 até 2010 foi de aproximadamente 350%, enquanto o número de moradores da área rural reduziu significativamente. Esse contexto impactou também a expansão territorial do município e o processo de urbanização, como por ser observado na Figura 3.

Segundo Sposito (2004: 139), “a lógica de produção do espaço urbano é, no geral, orientada pela contínua extensão do território, juridicamente urbano ou de fato urbano”. Para Whitacker e Miyazaki (2012: 319), “para além da forma é necessário compreender como o tecido urbano tem sido erigido ao longo do tempo, tornando-se possível compreender sua evolução, englobando elementos do passado para poder analisar o presente”.

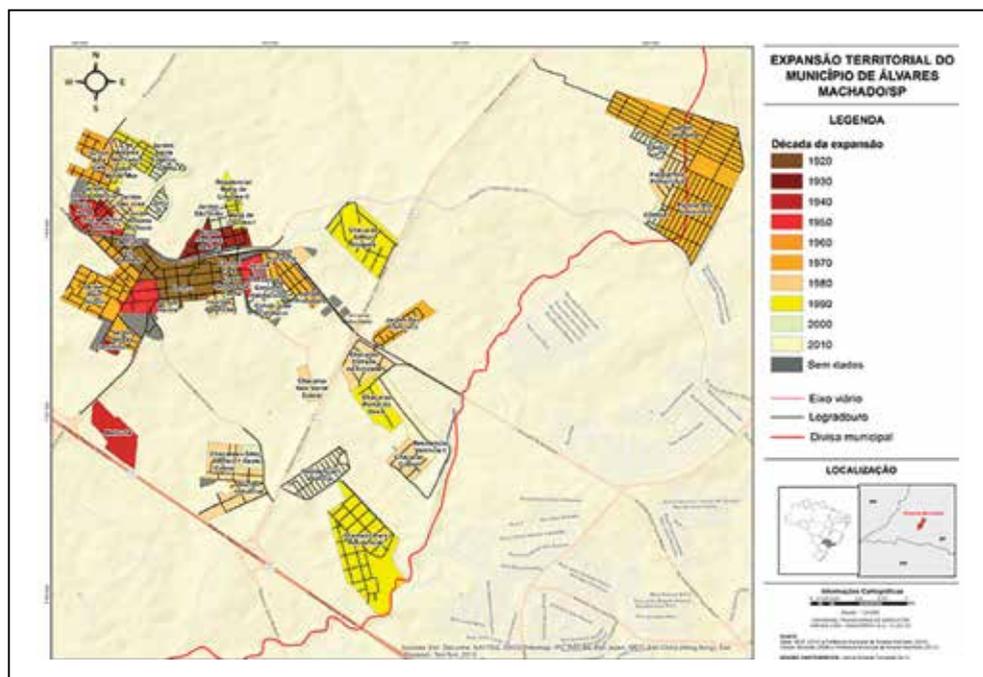
O plano urbano da cidade de Álvares Machado começou a se expandir a partir da Estrada de Ferro Sorocabana, na década de 1920, que também foi um dos motivadores para atrair mais moradores à cidade, com o surgimento dos bairros do Centro, anteriormente conhecidos como Vila Álvares Machado e Vila Ismael da Silva, o bairro Central Park e parte da Vila Paulista ao sul da ferrovia.

Essa porção do território da área central da cidade é caracterizado por construções mais antigas, algumas ainda de madeira (modo construtivo antigo), onde a predominância é de atividades voltadas ao comércio e serviços e com a presença de poucas residências.

Já na década de 1930, foi implantado o bairro Nossa Senhora da Paz, o primeiro a se localizar ao norte da ferrovia, nesta época também foi criado o cemitério municipal. Essa área da cidade é constituída por residências de médio padrão construtivo.

Nos anos de 1940, surgiu o bairro Vila Ikeda e Luiz A. Noma Boigues, que eram chamados de Vila Fernandes, e a planta industrial da Matsuda. Outra parte do centro atual e o Jardim Irene Bressan, foram criados na década de 1950. E em 1960, os bairros Jardim Bela Vista e a outra parte da Vila Paulista.

Com exceção da planta industrial Matsuda esses bairros que se constituíram entre as décadas de 1940 e 1960, são caracterizados por apresentarem um padrão construtivo baixo, voltado a população de baixa renda e à moradias de interesse social.

Figura 3. Mapa da expansão territorial da cidade de Álvares Machado.

A partir de 1970, a expansão territorial começou a se dar de maneira mais descontínua, em relação a malha urbana que já estava estabelecida, com a implantação dos bairros Jardim Raio do Sol, Jardim Orixás, Jardim São Francisco, Jardim Horizonte, Jardim Primavera, Jardim Panorama e Parque dos Pinheiros I.

Os bairros Jardim Raio do Sol e Jardim Orixás, são predominantemente formados com terrenos e casas maiores, com construções de padrão elevado. E os demais são voltados à população mais pobre do município, principalmente o bairro Pinheiros I, que é bastante adensado e com moradias pequenas.

Durante a elaboração dos mapeamentos, observou-se, quando foi inserida a informação dos limites municipais de Álvares Machado e Presidente Prudente, que parte dos bairros Jardim Panorama e Parque dos Pinheiros I também estão inseridos no território de Presidente Prudente.

Na década de 1980, foram criados diversos outros bairros, como o Conjunto Habitacional Álvares Machado I, Jardim São José, Jardim das Rosas, Conjunto Habitacional CDH, Chácara Estrada da Amizade, Chácara Vale Verde Cobral, Chácara Recreio Cobral, Chácara Cobral, Parque dos Pinheiros II e o núcleo industrial.

Neste período, houve a implantação de diversos conjuntos habitacionais, destinados, principalmente, para a população de baixa renda, caracterizando-se por aglomerados adensados com pequenas residências em um espaço reduzido.

A partir dos anos 1990, também surgiram outros bairros dispersos em relação ao

centro da cidade, sendo eles Jardim Santa Eugênia, Jardim Monte Mor, Jardim Antonio Pichioni, Jardim Independência, Residencial Maria de Lourdes I, Residencial Maria de Lourdes II, Jardim Ivanira, Conjunto Habitacional Canducci, Chácaras Arthur Boigues, Chácaras Portal do Oeste e o primeiro condomínio residencial fechado da cidade o Gramado Park Residencial.

Na década de 2000, foram implantados vários conjuntos habitacionais, construídos pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), são eles: Conjunto Habitacional F, Conjunto Habitacional G, Conjunto Habitacional H, Conjunto Habitacional E, Conjunto Habitacional se denominação, além dos bairros Jardim São João e Sítio Oeste.

Entre as décadas de 1990 e 2000, houve uma diversidade muito grande na implantação dos bairros de Álvares machado, ou seja, além de serem diferenciados do restante da cidade, também são diferentes entre si. Ocorreu o estabelecimento de dois bairros de chácaras, com padrão construtivo médio e lotes muito grandes. Também se destaca nesse período a criação do primeiro condomínio fechado do município, voltado para população de alta renda, diferenciando seu padrão construtivo e disposição no espaço urbano. E os demais bairros são de baixo padrão construtivo, principalmente, formados por conjuntos habitacionais.

E por último, a década de 2010, com mais dois loteamentos residenciais fechados, o Residencial Valência e o Residencial Valência II, com padrão construtivo diferenciado do restante da cidade, similar ao condomínio Gramado Park Residencial, para classe alta.

Com isso, é possível afirmar que a partir da análise da expansão urbana e a caracterização geral dos bairros, a cidade de Álvares machado apresenta grandes diferenças entre seus bairros e, conseqüentemente, entre a população.

A morfologia urbana também apresenta alguns pontos para analisar as relações entre o sítio urbano e o plano urbano. No caso de Álvares Machado, é notável a expansão do tecido urbano a partir da ferrovia, uma vez que essa passa por uma das áreas com maior altitude e que orientou o crescimento da cidade por várias décadas, com a ocupação primeiramente dos topos de depois dos fundos de vale. Assim, a estrada de ferro foi um vetor para o espraiamento da mancha urbana da cidade para todas as direções.

É possível observar que, embora haja uma descontinuidade territorial em relação ao centro da cidade, há uma continuidade territorial em Álvares Machado mais significativa em direção a cidade de Presidente Prudente.

A densidade da ocupação da cidade é uma variável que pode ser verificada, comparando as áreas mais densas e as áreas menos densas. Também é possível a identificação das áreas morfologicamente homogêneas e heterogêneas da cidade, que evidenciam alguns aspectos da diferenciação socioespacial.

As áreas mais densas de Álvares Machado são aquelas compostas pelos loteamentos populares, voltados a população de baixa renda, como por exemplo, o Parque dos Pinheiros I (Figura 4), caracterizado por lotes pequenos e um grande número de residências.

Já as áreas menos densas são aquelas em que os lotes são maiores, dotadas de infraestrutura de lazer, praças, etc., e, em geral, voltadas ao público com maior poder aquisitivo, como o Gramado Park Residencial (Figura 5).

Figura 4. Bairro Parque dos Pinheiros I em Álvares Machado - SP.



Fonte: Imagem Google Earth, 2014.

Figura 5. Gramado Park Residencial em Álvares Machado - SP.



Fonte: Imagem Google Earth, 2014.

Uma característica importante que foi notada durante o trabalho de campo em alguns bairros do município, foi a mudança de função do centro da cidade, que anteriormente era um espaço destinado somente a moradia e atualmente os comércios ocupam a frente das residenciais, com suas fachadas, porém o fundo ainda permanece com o uso habitacional (Figuras 6 e 7).

Figura 6. Área comercial do Centro de Álvares Machado - SP.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2014.

Figura 7. Residência no fundo do comércio na área comercial do centro de Álvares Machado.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2014.

Essas características elencadas anteriormente, denotam que, embora Álvares Machado seja um município de pequeno porte, ele apresenta inúmeros elementos que apreendem diferenças em toda a sua extensão.

Se um lado da cidade se expande territorialmente a partir das construções de loteamentos populares, do outro lado, a motivação para esta expansão tem sido a especulação de novos produtos imobiliários de médio e alto padrão, que são os loteamentos fechados ou espaços residenciais fechados.

Esses novos espaços são mais um resultado das diferenças socioespaciais que a cidade apresenta. Os condomínios residenciais fechados potencializaram a utilização do espaço urbano como mercadorias, vendidas não apenas pelo seu preço construído mas também pelos seus valores agregados, como segurança, lazer, bem-estar, conforto, entre outros, voltados para um grupo consumidor restrito à classe alta, sendo também reflexo do fenômeno de segregação socioespacial.

4. Os novos produtos imobiliários: aspectos do consumo de loteamentos fechados

Nas últimas décadas, algumas cidades brasileiras, têm vivenciado o crescimento significativo do número de loteamentos fechados, acompanhados pelo “slogan publicitário” de segurança, comodidade e lazer para os seus moradores.

A partir da configuração da forma urbana de Álvares Machado é possível observar um processo de diferenciação socioespacial que tem se intensificado, sobretudo pelo surgimento dos espaços residenciais fechados, localizados nas áreas mais periféricas do município em relação ao seu centro e mais próximo da cidade de Presidente Prudente, como produtos imobiliários voltados ao consumo.

Esses espaços acabam tendo característica homogêneas em seu interior e do ponto de vista da troca de experiências e da sociabilidade entre os moradores, por exemplo.

Para Magrini (2013: 19-20), “os enclaves socioespaciais se generalizam e as práticas cotidianas tornam-se cada vez mais seletivas, ao mesmo tempo em que as representações relativas à cidade são elaboradas a partir de seus diferentes fragmentos e não de sua totalidade”.

Essa prática dos loteamentos fechados torna cada vez mais o espaço urbano segregado, principalmente, aquela indicada por Botelho (2007: 34), como “a separação entre zonas e moradias reservadas às camadas sociais mais privilegiadas e as zonas de moradia popular”. Fato este que intensifica de forma significativa a produção de diferenças sociais e espaciais.

E esse tipo de segregação muitas vezes vem acompanhada do discurso da violência e do medo, que potencializam esse novo padrão de segregação.

Caldeira (2000), define esses espaços como enclaves fortificados, sendo uma estratégia de proteção e reação à violência, os caracterizando como:

Espaços privatizados, fechados e monitorados, destinados a residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser shopping centers, conjuntos comerciais e empresariais, ou condomínios residenciais. Eles atraem aqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros urbanos mais antigos e preferem abandoná-los para os pobres, os “marginais”, os sem-teto. Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público (Caldeira, 2000: 11-12).

Essa tendência aos espaços urbanos vem impregnado por um discurso de defesa de um determinado grupo da população, no entanto, essa segregação promove a separação das pessoas “diferentes”, transformando-os em espaços homogêneos, tanto econômico, quanto social e culturalmente.

Caldeira (2000, p. 11) afirma ainda que:

O novo padrão de segregação urbana baseado na criação de enclaves fortificados representa o lado complementar da privatização da segurança e transformação das concepções do público. Embora a segregação tenha sido sempre uma característica das cidades, os instrumentos e regras que a produzem mudaram consideravelmente ao longo do tempo.

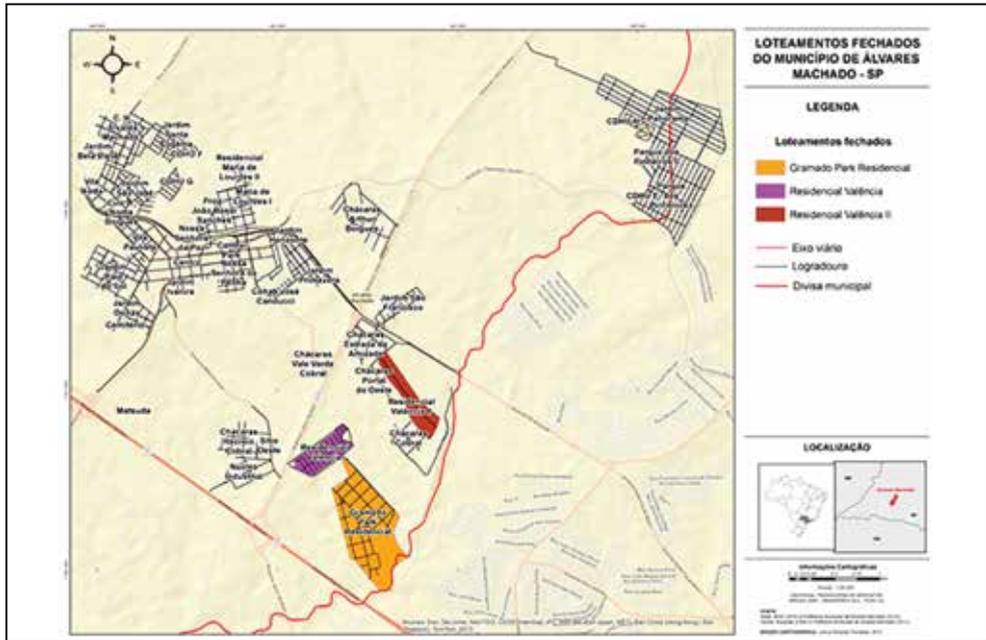
Em Álvares machado, sobretudo a partir dos anos 1990, tem se intensificado o surgimento dos enclaves fortificados, voltado população de classe média alta e alta. Esses condomínios fechados da cidade de Álvares Machado são espaços que se diferem bastante do restante da cidade, por apresentar características específicas, como já mencionado anteriormente.

Esses loteamentos residenciais fechados estão localizados nas áreas periféricas do município, onde agora é a opção locacional da elite.

Neste contexto, há que se considerar que nos últimos anos está ocorrendo uma redefinição do conteúdo das periferias das cidades. Miyazaki (2013: 132), aponta que “essa redefinição de periferia urbana é caracterizada por muitos espaços residenciais fechados que dividem o espaço, lado a lado, com conjuntos habitacionais, loteamentos populares, áreas industriais e de comércio e serviços”.

Em Álvares Machado os loteamentos fechados estão localizados nas proximidades do município de Presidente Prudente/SP ou próximos as rodovias que oferecem acesso rápido a esta cidade. Em muitos casos estes espaços estão dispostos descontinuamente em relação a malha urbana principal e de forma contínua a Presidente Prudente, como apresenta a Figura 8.

Figura 8. Mapa com os loteamentos fechados do município de Álvares Machado.



O loteamento fechado mais antigo do município é o Residencial Gramado (Figura 9), que é voltado para uma classe socioeconômica de alto poder aquisitivo. O tamanho dos lotes é bem maior que o do restante da cidade, sendo de aproximadamente 1.000m², com padrão construtivo bastante sofisticado.

Figura 9. Entrada do Gramado Residencial Park em Álvares Machado - SP.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2014.

Os residenciais Valência e Valência II (Figuras 10 e 11), também são caracterizados por lotes maiores que o restante da cidade, respectivamente em torno de 400 m² e 250 m² (Figuras 12 e 13). Esses dois condomínios também oferecem acesso rápido a Presidente Prudente.

Figura 10. Fachada do Residencial Valência.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2014.

Figura 11. Fachada do Residencial Valencia II.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2014.

Figura 12. Lotes do Residencial Valência.



Fonte: Imagem Google Earth, 2014.

Figura 13. Lotes do Residencial Valencia II.



Fonte: Imagem Google Earth, 2014.

Os loteamentos residenciais fechados são áreas caracterizadas por densidade demográfica menos que de outras áreas residenciais da cidade. E que também se diferenciam morfológicamente, sobretudo a partir das formas urbanas, das do restante da cidade.

É importante destacar todos esses que empreendimentos focam no seu marketing de vendas na proximidade da cidade de presidente prudente e o fácil acesso ao Prudenshopping¹.

Embora necessite de uma investigação mais detalhada, uma das hipóteses levantadas neste trabalho é de que esses espaços residenciais fechados são voltados para atender uma demanda da população de Presidente Prudente. É possível considerar esta hipótese por estes loteamentos estarem instalados próximos a cidade vizinha e em áreas de fácil e rápido acesso, o que torna totalmente viável a aquisição desses produtos imobiliários.

5. Considerações finais

A partir das considerações sobre morfologia urbana é possível apreender as diversas facetas da produção do espaço urbano, compreendido pela reprodução social da vida cotidiana, que visa no consumo o seu desenvolvimento.

Esse processo acaba por gerar diferenciações socioespaciais que tornam cada espaço com características próprias, o que ficou bastante evidente na análise realizada no município de Álvares Machado.

Com a análise da expansão urbana e a caracterização dos padrões de ocupação dos bairros, foi possível identificar que a cidade de Álvares Machado, embora seja um município de porte pequeno, apresenta grandes diferenças socioespaciais entre seus bairros e, conseqüentemente, das condições econômicas e sociais da população.

E nesse sentido, a implantação dos loteamentos residenciais fechados tem caráter discrepante na paisagem urbana, o quais também apresentam intrinsecamente significações para se “defender” da violência das cidades, mas que também produzem a segregação socioespacial, uma vez que criam-se espaços homogêneos sem a presenças de pessoas com condições de vida diferenciadas.

¹ Shopping center do município de Presidente Prudente, um dos principais espaços de consumo da cidade e região.

6. Referências bibliográficas

- Álvares Machado, Prefeitura Municipal (2010). Disponível em <http://www.alvaresmachado.sp.gov.br/arquivos_/historia.pdf> acesso em 05/11/2013.
- Botelho, Adriano (2007). *O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário*. São Paulo: Annablume; FAPESP.
- Caldeira, Teresa Pires do Rio (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- Capel, Horacio (1972). Agentes y estrategias em la producción del espacio urbano español. *Revista Geográfica*, n.8, p. 19-56.
- Capel, Horacio (2005). *La morfología de las ciudades – II Aedes facere: técnica, cultura y clase social em la construcción de edificios*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Carlos, Ana Fani Alessandri (2007). Diferenciação socioespacial. *Revista Cidades*, v.4, n.6, p. 45-60.
- Carlos, Ana Fani Alessandri (2011). Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: Carlos, Ana Fani Alessandrini; Souza, Marcelo Lopes de; Sposito, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Editora Contexto.
- Corrêa, Roberto Lobato (2007). Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. *Revista Cidades*, v.4, n.6, p. 62-72.
- Corrêa, Roberto Lobato (2011). Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: Carlos, Ana Fani Alessandrini; Souza, Marcelo Lopes de; Sposito, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Editora Contexto.
- Lamas, José M. Ressano Garcia (2011). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 6ª ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para Ciência e Tecnologia.
- Lefebvre, Henri (1972). *O pensamento marxista e a cidade*. Lisboa: Ulisséia.
- Magrini, Maria Angélica de Oliveira (2013). *Vidas em enclaves. Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Miyazaki, Vitor Koiti (2013). *Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Sposito, Maria Encarnação Beltrão (2004). *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo*. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.
- Sposito, Maria Encarnação Beltrão (2011). A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: Carlos, Ana Fani Alessandrini; Souza, Marcelo Lopes de; Sposito, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Editora Contexto.
- Whitacker, Arthur Magon; Miyazaki, Vitor Koiti (2012). O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n2, p. 307 a 327.